



Medievalis

v. 13, n. 1 (2024)

| 1

Loki e suas múltiplas facetas na edda em prosa e edda poética

Gleza Alves de Melo¹

Resumo: A proposta deste artigo está voltada a representar em vista dos estudos narrativos encontrados nas fontes primárias do século XIII: *Edda em Prosa* e *Edda Poética*, as multiplicidades das representações míticas-simbólicas de Loki em meio as passagens encontradas no *Gylfaginning*, *Skáldskarpamál*, *Lokasenna* e *Thrymskvida*. Diante da análise comparativa foi percebido que a sua divindade possui diversos traços e, em cada narrativa, essas concepções se expandem para além do que os estudos recentes apontam. Loki, ora é vislumbrado com teor positivo, ora com teor negativo. No entanto, além do antagonismo vislumbrado nas narrativas, encontramos novas características associadas à vingança, alimentação, comicidade, persuasão entre outros. Utilizamos como aporte metodológico a teoria comparada de Jens Peters Schjødt (2016; 2017) no objetivo de traçar uma melhor forma para a compreensão das fontes tardias pré-cristãs associadas a divindade em questão.

Palavras-chave: *Edda* Prosa; *Edda* Poética; Loki.

Abstract: The purpose of this article is aimed at representing, in view of the narrative studies found in the primary sources of the 13th century: *Prose Edda* and *Poetic Edda*, the multiplicities of Loki's mythical-symbolic representations among the passages found in *Gylfaginning*, *Skáldskarpamál*, *Lokasenna* and *Thrymskvida*. In view of the comparative analysis, it was realized that his divinity has several traits and, in each narrative, these conceptions expand beyond what recent studies indicate. Loki, sometimes seen with a positive content, sometimes with a negative content. However, in addition to the antagonism glimpsed in the narratives, we find new characteristics associated with revenge, food, comedy, persuasion, among others. We used the comparative theory of Jens Peters Schjødt (2016; 2017) as a methodological contribution in order to outline a better way to understand the late pre-Christian sources associated with the deity in question.

Keywords: *Edda* Prose; *Poetic Edda*; Loki.

¹ Mestra em Ciências das Religiões pela Universidade Federal da Paraíba. Membro do Núcleo de Estudos Vikings e Escandinavos (NEVE).

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3411324095408828>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0726-5522>

E-mail: gleziaalvespsi@gmail.com





1. Introdução

Loki, *Ás*, trapaceiro e conhecido também como caluniador dos deuses. A divindade mais complexa e antagônica das fontes antigas possui sua origem bastante controversa e enigmática no panteão nórdico. Em algumas narrativas nas Eddas, encontramos como seu agente paterno, Farbauti, um gigante, sua mãe, possui uma origem não é muito exata, mas supõem-se que seja uma giganta, chamada Laufey. Em outras narrativas, Loki possui uma ligação fraterna de sangue com o deus Odin, e por isso, torna-se seu camarada. As conexões com o Ases são indispensavelmente respeitadas. Em outras aventuras, surpreende ao ajudar o deus Thor em meio as suas empreitadas ao conseguir seu Mjollnir, Loki também compete com um gigante (Logi) em uma disputa ao comer e se transveste de mulher para ajudar o deus do trovão a se vingar de Prymr. No seu polo negativo, possui a lábia inflamada, contribui para o sequestrar a deusa Idunna e prejudicar os deuses, além de causar e planejar a morte indireta do deus Baldr, percussora do Ragnarok. (Melo, 2023).

Mediante a essas breves conceituações referentes à sua figura, este artigo visou analisar de forma descritiva as suas características nas facetas em que são desenvolvidas as ações do mesmo nas fontes tardias. Para tanto, serão analisadas ações ambivalentes de ordem x caos, traços associados ao xamanismo, mudança de forma, fluidez de gênero e forma, trapaça, persuasão, comicidade, entre outras características potenciais as quais admitem suas múltiplas facetas enquanto divindade mítica e complexa da mitologia nórdica.

2. As fontes literárias Nórdicas:

Antes de apresentar o estudo comparado sobre a deidade será explicado sobre as *Eddas* encontradas nos manuscritos tardios do século XIII. Começando pela *Edda* maior ou *Edda* em prosa é considerada uma obra em nórdico antigo escrita em 1220, pelo poeta e historiador Snorri Sturlusson (1179-1241), também denominada como *Edda Jovem*, *Edda de Snorri* ou *Edda Maior*.

O livro possui quatro partes: o prólogo, considerado apócrifo por muitos; O Gylfaginning (o logro de Gylfi); O Skáldskaparmál (a dicção da poesia) e o Háttatál (a lista de formas e versos). Existem algumas opiniões que afirmam que a escrita desse manual começou pelo Háttatál, enviada ao rei Hakon IV e ao Jarl Skuli. Snorri escreve o Skáldskaparmál um pouco depois com suas metáforas poéticas. Sobretudo, a mitologia nórdica é melhor explicada a partir do Gylfaginning devido a suas explicações sistematizadas. E por fim, o prólogo, traria uma explicação everemista sobre a origem dos





deuses com suas ligações religiosas ligadas aos antigos heróis descendentes do rei Príamo (os emigrantes de Troia).

A *Edda* Poética, refere-se a uma coleção de poemas escritos em nórdico antigo sendo considerada pelos especialistas como a maior fonte para o estado o estudo da mitologia escandinava, também conhecida como *Edda Antiga*, *Edda Maior*. O termo *Edda* está intimamente ligado à arte poética. *Edo* do latim: composição; um local da Islândia conhecido como Oddi; ou a transmissão de um conhecimento antigo (*Edda*, bisavó).

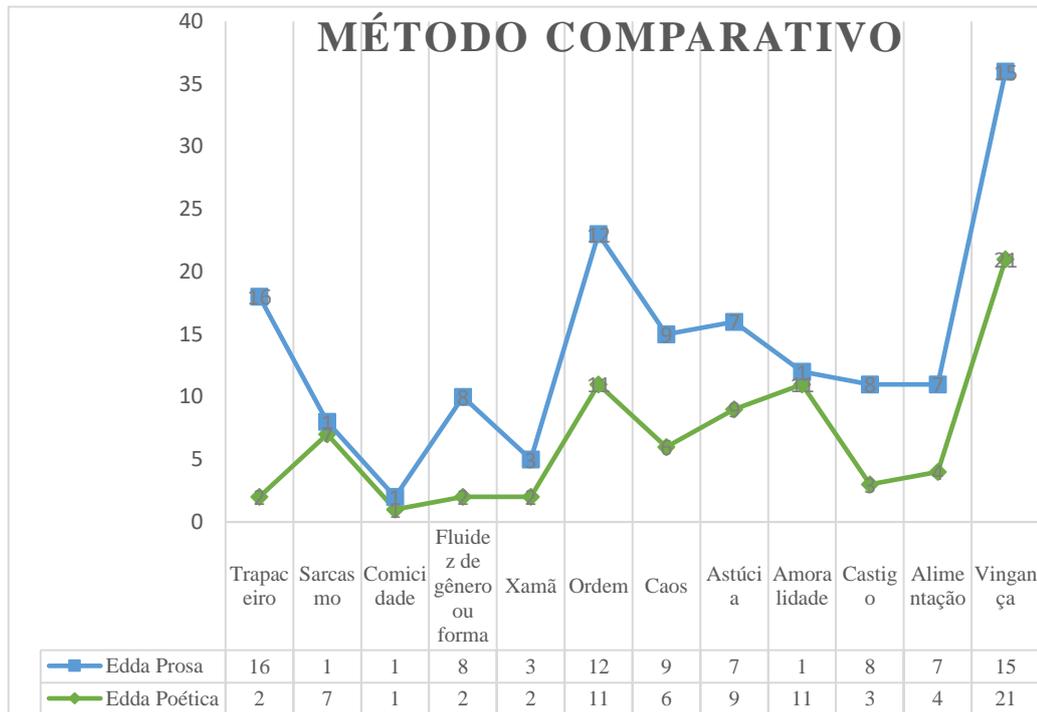
O Codex Regius é o principal manuscrito responsável por preservar a *Edda* Poética, foi descoberto em 1643, numa fazenda Islandesa por Brynjólfur Sveinsson e recebeu o nome de *Edda* de Saemundi Multiscii. Permaneceu por um bom tempo na Dinamarca, o manuscrito retornou a Reykjavík onde permanece no gabinete de manuscritos da fundação Arni Magnússon. O Codex Regius contém 29 poemas, nas edições modernas possui em torno de 35 a 37 completados por outros manuscritos, mas a organização destes, depende dos editores e tradutores.

Os primeiros poemas da *Edda* possuem caráter mitológico, gnômicos, éticos e mágicos imbrincados nos personagens míticos de Odin e Thor. A segunda, os poemas possuem uma perspectiva mais heroica e épica, especialmente relacionada ao ciclo nibelungiano. As formas de compreensão desses poemas são: dialógicos, duelos verbais (Senna), poesia mnemônica, monólogos em primeiras pessoas e poemas narrativos. Os principais poemas sobre as temáticas mitológicas são: Volúspá, Havámal, Vafprúdnismál, Grímnismál, Skirnismál, Hárbardsljóð, Hymiskvida, Lokasenna, Prymskvida, Volundarkvida, Alvíssmál (oriundos do codex regius da *Edda* em Prosa). Portanto, após essas breves conceituações sobre as fontes primárias, trataremos de analisar algumas fontes as quais Loki, divindade liminar, caótica e complexa se encontra objetivando compreender como suas ações se divagam entre as narrativas anteriormente citadas.





Gráfico: Análise do Método Comparativo entre as *Eddas*



Fonte: do próprio autor

2.1 Trapaceiro

Nas mais relevantes tradições na América do norte, o trickster é visto como um ser sobrenatural e atípico. Sendo o pregador de peças em um determinado cotidiano humano e animal. Eles podem ser vítimas ou motivadores do caos conhecido como o herói da cultura, encontramos humor, inteligência e irreverência em suas ações: solucionando e problematizando diversas situações sociais por onde os trapaceiros perpassam. (De Vries, 1933, p. 254-255).

Consideramos a falta de consciência (razão) do trickster entre o bem e o mal, ele é o responsável pelas consequências devido as suas causalidades. Diante de sua falta de noção ao que tange os valores sociais (a falta da moralidade e até mesmo maturidade), o trickster é forçado a ser refém de sua autossatisfação e seus impulsos imediatos. (Radin, 1956, p. 3-54).

Entretanto, faremos um breve entendimento sobre a figura do trapaceiro na qual é estudada Hynes e Doty (1993, p. 1-13), explicando que o trapaceiro pode ser identificado em várias culturas exprimindo uma vastidão de complexidades universais em que todos os malandros parecem falar a mesma voz ou em sociedades individuais um código próprio dele, pois dois deles podem estar articulando mensagens como o mesmo resultado devido as suas manifestações culturais. Nos levando a entender que os aspectos de uma figura





trapaceira podem ser identificados em várias culturas diferentes. Portanto, as características encontradas no trickster são semelhantes em várias sociedades e visa a compreensão de suas funções sociais comparativas, mecanismos psicológicos, traços literários, relações dos sistemas religiosos e as transformações rituais.

Entretanto, a representação de Loki como uma figura do mal advém do final da Era Viking (Séc. XI), seu lado perverso, ruim e malfeitor é introduzido pela cristianização ocorrida entre os povos do norte. Por isso, é importante ressaltar que no final da mitologia nórdica, o Loki das *Eddas* é percebido como uma figura maligna, mas no final da Era Viking segundo a autora, o deus Thor era o principal adversário de Cristo, sendo considerado uma figura que delineia um caráter maquiavélico, portanto, Loki não era considerado perverso, malvado, trapaceiro ou até mesmo associado a figura do Diabo. Entretanto, evidências iconográficas apontam a representação de Loki como Satã em Kirkby Stephen, século X, Inglaterra. (Howard, 2016, p. 2-12).

A primeira aparição da aproximação caráter trapaceiro a figura de Loki encontra-se na *Edda Poética*, *Voluspá* estrofes: [34] e [49] Nessas aparições seu caráter é definido como uma figura traiçoeira e distinta ao ser castigado debaixo de um arvoredado. Nessa passagem fica notório a apresentação da figura de Loki como trapaceiro, pois ele é memorado em meio a sua fragilidade maior na qual envolve o seu castigo intimado pelos deuses.

As demais aparições de sua figura aproximadas ao caráter embusteiro encontram-se no *Gylfaginning* [27-34] “aquele que é também considerado entre os Aesir caluniador e criador de enganos e desgraça dos deuses e homens.” Nessa passagem, Loki está conectado com as mentiras, equívocos e infortúnios entre as adjetivações ofertadas a ele pelos deuses, sendo aproximações imbrincadas as características de um trapaceiro diante do seu caráter extremamente ligado aos prejuízos, mentiras e trapaças.

No *Gylfaginning*: [42, 42-3] “E quando eles contaram esses termos, então pediu que permitissem que ele tivesse ajuda do seu garanhão, chamado Svadilsfari. Sendo Loki o responsável por isso.” “O gigante pede como recompensa o sol, à lua além da deusa Freyja como uma segunda recompensa. Os Aesir desconfiam e culpam Loki pelo acordo. Nesse ponto, é percebida a ação de Loki em toda a empreitada. Ele não só permite com que o cavalo ajude o gigante (sabemos que o cavalo é o possuidor do vigor na construção das paredes de Asgard tendo um valor elementar na aposta sugerida e aceita inicialmente por todos). No entanto, os Aesir ao percebem uma perda sem precedentes, ou seja, a





aposta é um golpe, acusam Loki pela astúcia e artimanha em ajudar o gigante e antes que a aposta seja imediatamente concretizada, assume seu ardil em prever um futuro próximo e possibilitar ao gigante um ganho inestimável além de uma perda considerável para os deuses, intensificando ainda mais seu caráter embusteiro.

Outro ponto é a virada de Loki ao saber dos prejuízos que serão sofridos caso ele ajude o construtor a terminar a obra. Com isso, ele muda e passa agora a ajudar os Aesir em atrapalhar e prejudicar o construtor no final da obra. “E quando o garanhão percebeu que tipo de cavalo era, ficou frenético e rasgou o equipamento e correu em direção a égua. Ele foi para a floresta e o construtor atrás deles tentando pegar o garanhão. Esses cavalos correram por toda a noite atrapalhando o andamento da obra.”

No que se refere a morte do deus Balder e sua relação e responsabilização direcionada a figura de Loki, fica compreendido do *Gylfaginning*: [49] algumas das ações trapaceiras de Loki no desastre entre os Aesir. Ele coaduna Hod dizendo: “vou direcioná-lo para onde está Balder.” A morte de Balder é um dos episódios mais alegóricos no que se compreende situações ocasionadoras de desordem, simplesmente porque essa perda ocasionou aos Aesir o maior mal entre todos os outros: a morte de um deus imortal. Trazendo à tona a fragilidade, mortalidade e impotência dos deuses e delimitam as situações vivenciadas pelos Ases nas quais eles não podem mudar. Loki nesse ponto da estória é visto como um ser ardiloso e perverso que planeja de forma inteligente como dar fim a vida de Balder.

Loki utiliza de suas artimanhas para cessar a vida do deus considerado intocado. Mesmo sabendo que o deus da luz possui um caráter simbólico de uma divindade extremamente boa, admirada, bela e sábia entre os deuses. Loki planeja matar o deus Balder com o objetivo de minar ou dissolver a autoridade e papel dos deuses, ou seja, o poder considerado soberano não seria previamente eterno, mas sim, parcial. O conteúdo da causa da morte pelo visco é desconhecido pela sua letalidade aos deuses. O motivo da existência do visco, seria, portanto, para delinear a função de mortalidade aos deuses, pois Balder passa ser considerado venerado por sua imortalidade diante de todas as coisas que acabaram jurando não o ferir, entretanto, o visco em seu conteúdo, possibilita a limitação temporal da vida. (Howard, 2016, p. 2-12).

No *Gylfaginning*: [49-51] fazendo ligação com o *Lokasenna* na *Edda Poética*, retratando sua fuga após a discussão com os deuses. Com isso é trazida a discórdia provocada por ele no salão de Aegir, sendo compreendida sua fuga e esconderijo em uma





montanha, construindo lá uma casa com quatro paredes para que ele pudesse ver todas as direções. Aqui delimita-se mais uma característica de trapaceiro associada à fuga e sua inteligência ao criar uma casa com saídas para facilitar suas esquivas em meio as armadilhas que ele com sua percepção astuta já imaginava que fossem ocorrer.

| 7

Outros pontos sobre suas características de trapaceiro encontram-se no *Skáldskarpamál*: [8-16] Loki é definido por ter um caráter astuto, ser criador de travessuras, ser conhecido como o astuto às, acusador e trapaceiro dos deuses, planejador da morte de Balder e o brigão com Heimdall e Skadi. No episódio do rapto da deusa Idunna encontrado no *Skáldskarpamál*: [56-7] Loki apresenta um caráter bastante ardiloso e estratégico porque no momento em que foi combinado com o gigante Thjazi a posse da deusa Idunna devido ao castigo no qual Loki não se submeteria a pagar como fuga, ele conseguiu dissuadi-la e levá-la para uma determinada floresta e despistá-la dos olhares dos deuses, intensificando seu pacto com o gigante e ocasionando a inaptidão física e a retirada de poder dos deuses.

Em relação a suas aventuras com Thor na terra dos gigantes, contam com a inexistência de suas manoplas de ferro e isso havia sido obra de Loki. No *Skáldskarpamál*: [17, 18-18] Loki ao voar para a terra de Geirrod com o traje de Freyja é aprisionado pelo gigante, este, tem a proposta de libertá-lo, com a condição de que Thor seja trazido para ele como pagamento pela sua liberdade. Loki aceita a proposta para se manter livre levando Thor seu o cinto e o Mjollnir

Nesse ponto é perceptível mais uma vez o caráter burlesco e astuto de Loki ao concordar com qualquer proposta para se safar das situações que trazem prejuízos a sua pessoa. Por sorte, Thor encontra uma giganta que “contou a Thor a verdade sobre Geirrod, que ele era um gigante astuto e difícil de lidar. Ela emprestou a ele um cinto de poder e algumas manoplas de ferro dela e seu cajado, chamado de mastro de Grid. Então Thor se aproximou do rio chamado Vimur, o maior de todos os rios. Então ele afivelou o cinto de força e pressionou o mastro de Grid no lado afastado da corrente, enquanto Loki se segurava sob o cinto de força.”

Outro episódio no *Skáldskarpamál*: [34-5] [35-6] encontra traços de uma figura trapaceira ao cortar o cabelo da deusa Sif. Loki com medo da punição do deus Thor ao dizer que quebraria os seus ossos, decide se reunir com os filhos de Ivaldi para restituir integralmente o cabelo de Sif e ainda levaria outros objetos preciosos (Skidbladnir e a lança Gungnir) como uma forma de amenizar a situação ocasionada por sua brincadeira





maldosa e sem noção de limites. Com isso, Loki se transforma em uma mosca (característica de transformação na qual o trapaceiro possui) e começa a atrapalhar as obras dos filhos de Ivaldi. Como forma de trapaça, Loki mordisca Eitri no braço, no pescoço e por fim em suas pálpebras (o sangue escorria pelos seus olhos e prejudicava sua visualidade) comprometendo drasticamente a confecção da última peça considerada a mais valiosa para os deuses o Mjollnir: este saiu com a ponta encurtada e isso é culpa de Loki. A mosca ao ver que tudo na forja havia sido arruinado voou para longe.

O mito é transmitido no cotidiano da sociedade, portanto, o corte do cabelo da deusa Sif ocasionado por Loki, remete algumas questões importantes ligadas aos costumes do cotidiano da Era Viking porque o mito é um reflexo da sociedade em que estão os aspectos cotidianos contidos nesses povos. Os cabelos na Era Viking podiam ser utilizados simplesmente para seduzir, arrumados para agradar aos deuses e como proteção para infortúnios. Eles também demonstravam *status* social, ou seja, as posições sociais de cada indivíduo, o estado civil, o serviço religioso e a utilização da magia. Os cabelos longos estiveram ligados à virilidade, à força e à liberdade. Os cabelos soltos geralmente expressavam o caráter de sedução e um padrão de beleza muito estimado na Era Viking. (Campos, 2018, p. 51-52).

Ainda sobre as aparências e os costumes, devemos considerar que os cabelos femininos compridos deixados soltos eram utilizados especialmente pelas mulheres solteiras, sem necessidade de ocultá-los sob lenços ou toucas, acessórios que eram evidência de matrimônio. Algumas mulheres trançavam seus cabelos e depois faziam um nó triplo, o *valknut*, ou nó dos mortos e envolviam toda a cabeça em uma espécie de touca. As tramas capilares envolviam algum tipo de demonstração da condição social e das práticas mágico-religiosas. (Campos, 2018, p. 53).

Devido a influência da deusa Sif por possuir longos cabelos, podemos considerar sua influência social, virilidade e até mesmo aspectos de sedução estimados por qualquer mulher na Era Viking. Com isso, sabemos que Loki faz o corte no cabelo de Sif primeiramente em pura necessidade de brincadeira, entretanto, ele poderia querer ter os cabelos da deusa com o objetivo de possuir essas características na quais encontramos no cotidiano: influência, poder, status e até mesmo liberdade (sedução), tendo em vista que o mesmo sempre foi repreendido por seus atos sexuais não aceitos entre os deuses.

Concluindo sobre a análise qualitativa, conseguimos perceber que o caráter do trapaceiro é quase que perceptível na *Edda em Prosa: Gylfaginning*: [27,34]; [42-42-3];





[49]; [49-51]; *Skáldskarpamál*: [8-16]; [17, 18-18]; [34,5]; [35,6] e [56,7]. Notando que os aspectos de trapaceio sobressaem expressamente na *Edda em Prosa* deixando a *Edda Poética* com poucas influências sendo possivelmente um indicativo nítido de influência cristã. Snorri descreve Loki com teor embusteiro, impostor e ardiloso em todas as narrações descritas nas narrativas, mas na *Edda em Prosa*, é trazido indícios superiores se formos comparar com a *Edda Poética* em que essas características são intimamente mínimas.

2.2. Sarcasmo

O sarcasmo em sua definição, é uma forma expressiva de afrontar e ofender uma situação ou pessoa. A palavra advém do grego *sarkasmós* que significa: **zombaria, gozação e deboche**. A aspereza incisiva no discurso mantém os padrões de ridicularizar e manter um padrão verbal hostil.

Diante disso, cabe ressaltar que em suas primeiras aparições nas narrativas a figura de Loki utiliza em seu discurso o sarcasmo e ridiculariza os deuses através de ‘ferir pela fala’. São encontrados recortes majoritariamente na *Edda Poética, Lokasenna* [34] com sua ironia a Njord ao dizer que ele veio do Leste como refém dos deuses e que as mulheres (Filhas de Hymir) utilizaram de Njord para suas mais íntimas necessidades utilizando-o como um depósito de urina, portanto, se faz importante ressaltar o comportamento mordaz de Loki devido a postura do próprio Njord ao não permitir Loki falar no salão de Aegir, intensificando ainda mais suas ações de tom provocador e ofensivo. Nesse ponto, Loki utiliza do menosprezo para envergonhar Njord a partir de sua diminuição ao deus.

No *Lokasenna*: [38] o deus Tyr também é referido por Loki como alguém insignificante e impotente devido a perda de sua mão, pois havia sido arrancada pelo lobo Fenrir. É acentuado nesse trecho, o aproveitamento de Loki pela vulnerabilidade de Týr ao utilizar seu sarcasmo dizendo que a perda de sua mão afetava sua capacidade de conviver socialmente com as pessoas tornando-o impossibilitado. No verso do *Lokasenna*: [44] Loki também minimiza o comportamento do servo de Freyr, Byggvir, ao dizer em tom sarcástico: “o que é aquela criaturinha que vejo abanado o rabo e abocanhado as coisas rapidamente? Aos ouvidos de Freyr você sempre é encontrado tagarela aos rebolos.” Assume nesse ponto mais um teor zombaria de sua figura e expressando algumas fragilidades de quem esteve ou está afetado por alguma coisa.

No *Lokasenna*: [60] Loki faz mais acusações com teor de ironia ao mencionar Thor por ser bem inferior em poder quando viajaram para a terra dos gigantes. Loki acusa





Thor de não se relacionar com as pessoas e trata isso como forma de zombaria ao dizer que ele havia encolhido no polegar das luvas do gigante Skrymir nas suas empreitadas juntamente com Thor, Thjálfí e Roskva.

Em um outro trecho do *Lokasenna*: [48] Loki manda o deus Heimdallr ficar em silêncio ao dizer que o trabalho dele está associado com castigo. Chama-o de costas sujas e terá como punição ser o guarda de Asgard para sempre, não tendo sua liberdade por completo como os outros deuses. A vida de Heimdallr nesse sarcasmo está associada à sua impossibilidade de decidir por si mesmo e os deuses tomam partido da sua vida. Loki também retrata coisas sobre Heimdallr na intenção de prejudicá-lo e culpá-lo pela sua guarda eterna aos deuses mais em um viés de sarcasmo, pois ele intensifica a dívida e sua não liberdade, ele utiliza da humilhação para atingir o deus.

Em conclusão a análise qualitativa, a prevalência do sarcasmo se faz mais perceptível na *Edda Poética à Edda em Prosa*, vale ressaltar que o poema com maior concentração de ideias e falas sarcásticas é o *Lokasenna*: [38]; [44]; [46]; [60]; [62]. majoritariamente descrito na análise acima. Podemos considerar que no *Lokasenna* sua figura tinha uma influência majoritária ao sarcasmo e ao holofote intensificado.

2.3. Comicidade

Um outro ponto muito debatido nas pesquisas no que tange a figura burlesca de Loki se refere ao seu caráter humorístico no qual desempenha em algumas passagens a ser associado como alguém que desenvolve como papel central o foco em quebrar situações avessas, proporcionando uma legítima sensação de causar risos e desarmar a raiva das pessoas. Em uma das passagens do *Lokasenna* [19]: Gefion defende Loki ao dizer que nenhum Aesir deveria buscar qualquer tipo de rivalidade com ele, pois suas palavras eram consideradas inofensivas naquele contexto e os deuses estavam a par sobre tal evidência: “Sabiam que Loki gostava de uma piada e que todos os Aesir o amam por ser assim.” Portanto, o caráter cômico de Loki deve ser ressaltado mesmo em uma passagem que enfoca a discórdia entre os deuses, ou seja, é visto o seu papel humorístico valorizado por uma deusa.

No *Skáldskarpamál*: [56-7] Loki ganha um papel principal de humor ao fazer a deusa Skadi em meio a uma vingança pela morte do seu pai morrer. “Também estava em seus termos do acordo que os Aesir deveriam fazer algo que ela achava que eles não seriam capazes: fazê-la rir. Então, Loki fez o seguinte: amarrou uma corda em volta da barba de uma certa cabra e a outra ponta em volta de seus testículos e eles se puxaram





para frente e para trás e ambos gritaram alto. Então, Loki se deixou cair no colo de Skadi, e ela riu. Por isso, a expiação com ela por parte dos Aesir foi completa. Diz-se que Odin, como compensação por ela fez isso: pegou os olhos de Thiassi e os jogou para o céu e deles fez duas estrelas.”

No que tange não apenas humor mais as características de gênero sendo de fundamental importância para o cumprimento de mais uma condição: a deusa Skadi e sua exigência de que os deuses a façam rir. Loki consegue isso com um ato que coloca sua sexualidade duvidosa e identidade de gênero sob uma luz grotesca: ele amarra uma ponta de uma corda na barba de uma cabra e a outra em seus testículos. Um cabo de guerra estridente faz com que os dois se arrastem pela sala, balindo e gritando. Skadi finalmente começa a rir quando Loki perde o equilíbrio e cai no colo dela. (Schnurbein, 2015, p. 104-124).

Afirma Schnurbein (2015, p. 104-124) a barba presa a uma ponta da corda é aqui um falso símbolo de masculinidade, o que devemos fazer com os órgãos genitais presos na outra ponta? Seriam, entretanto, a redução de seu status social, pois a possível alusão ao motivo da castração aqui analisado era um castigo infligido prioritariamente a escravos.

A única opção de Loki para se salvar do perigo é por meio de auto humilhação como o homem *ragr* - uma forma de degradação que novamente funciona em benefício dos deuses. Parece que é precisamente essa característica, sua natureza de trapo, que o torna suspeito para os deuses - e para Snorri - desde o início. Pode até ser totalmente plausível deduzir desse episódio que a eloquência de Loki e sua habilidade de dar bons conselhos seja exatamente o que os deuses acham tão perturbador e consideram "não masculino". (Schnurbein, 2015, p. 104-124).

Com isso, Loki não só ganha a confiança da deusa deitando em seu colo, mas consegue notoriedade ao criar toda a cena jocosa que causa o riso de todos eles, além de quebrar o ódio de vingança de Skadi e trazer elementos questionadores sobre sua sexualidade fluida mesmo por meio de uma cena que é considerada vergonhosa e não esperada. Entretanto, para ele pareceu um ato bastante naturalizado e fácil de lidar. As características correspondentes ao Loki cômico encontram-se equiparadas nas *Eddas* deixando seu caráter humorístico nivelado em ambas as literaturas.





2.4. Fluidez de Gênero ou Forma

O comportamento sexual nórdico na Escandinávia Medieval possuía um padrão duplo, tanto antes quanto depois da cristianização. A sexualidade masculina poderia ser exercida livremente desde que com homens e mulheres adequadamente disponíveis (geralmente com alto *status* social), enquanto a sexualidade feminina era vista como posse da sua família e sempre que possível, controlada. Mas isso não quer dizer que a sexualidade das mulheres não tivesse importância. Na Era Viking o sexo era considerado central para o casamento e o fracasso de um homem em corresponder às expectativas sexuais de sua esposa era motivo de divórcio. (Langer, 2018, p. 631).

Na sociedade medieval a homossexualidade feminina e masculina, o incesto e a bestialidade (zoofilia) eram considerados ofensas altamente passíveis de punição. As difamações sexuais eram chamadas de *ergi*. Não há relatos nas sagas Islandesas de mulheres homossexuais, mas os códigos de leis religiosas (Stock. Perg. 4to no. 15), datado do final do século XVIII, proíbe práticas com severas penitências, como a homossexualidade masculina e o sexo com animais. As difamações sexuais *ergi* não se referiam a mulheres fazerem sexo umas com as outras, não fazia parte do imaginário social delas. Ele era mais utilizado no contexto da ninfomania e entre os homens *ergi* significava efeminado, indicando fraqueza e covardia. Esse termo também indicava a ruptura da sua virilidade masculina e também estava associada a velhice. (Langer, 2018, p. 637).

Um dos modos mais conhecidos de difamação sexual era o *Nid*, ele indicava conteúdos presentes na literatura e nos códigos de leis. Na Njáls saga 123, o personagem Flosi foi acusado de passar por atos sexuais imorais de troll. Mas sua acusação recai sobre um homem violado pelo ato sexual masculino (na metáfora da difamação). Os termos *arg/ragr*: perversão sexual (passar por penetração anal); ter aproximação a feitiçaria e por último ser covarde e efeminado. (Langer, 2018, p. 637-638).

Afirmamos diante das palavras de Wolf (2020, p. 106-113) a figura de Loki rejeita a noção binária de sexo: ele não se considera nem sendo masculino, nem sendo feminino. Alternativamente, eles podem conceber características de ambos os sexos. É visto que sua figura aparece na mitologia nórdica como sendo capaz de se transformar para macho ou fêmea e mudar de uma forma para outra em determinado momento.

Portanto, as capacidades mágicas de Loki, especialmente suas habilidades de mudança de forma e gênero, consigna-o a uma posição liminar entre opostos





fundamentais. Esses atributos fazem de Loki o "intermediário por excelência" - uma função que o torna indispensável para os deuses, mas ao mesmo tempo leva à sua morte. Loki torna-se assim o expoente da deterioração qualitativa que é o destino do mundo. (Schnurbein, 2015, p. 104-124).

Em uma outra passagem na *Edda Poética, Lokasenna*: [33] o deus Njord compele os deuses ao ouvirem sobre o evento de transformação de Loki em uma égua e a sua sedução ao cavalo do construtor como forma de atrasar a obra. Nesse ponto é trazido à tona sua fluidez ao ter filhos como uma égua: nota-se centralmente a relação de Loki ao feminino, ou seja, ele dá à luz ao Sleipnir sendo elemento crucialmente ligado a características de uma mulher. Isso é discutido entre os deuses no salão de Aegir.

Complementando a fluidez de Loki se estende na *Edda em Prosa, Gylfaginning* estão entre os versos: [42], [42-3] e [49] Loki com medo pelo que pudesse acontecer com ele (castigo dado pelos Aesir) “jurou que faria as coisas necessárias para que o construtor perdesse seu pagamento custe o que custasse: transformou-se em uma égua no objetivo de seduzir o cavalo.” “Loki teve relações com Svadilfari que um pouco mais tarde deu à luz a um potro. Era cinza e tinha oito pernas.” Loki ao transformar-se em égua obtinha a intenção de seduzir o cavalo e prejudicar o construtor legitimando sua fluidez do masculino para o feminino.

Portanto, afirma Schnurbein (2015, p. 104-124) Ressaltando sua fluidez e objetivando compreender as motivações da construção do muro de Asgard sua figura é bastante ambivalente porque, por um lado, é para ser construído para proteger contra os gigantes; por outro, é necessário um gigante para construí-lo. Loki não é principalmente um malfeitor, mas sim, uma figura que se vê ameaçada por deuses e gigantes. confirmando nesse ponto não somente sua fluidez, mas também, seu caráter previamente ambivalente.

No *Gylfaginning*, Loki se transveste em uma gigante e tenta descobrir com Frigg se haveria alguma coisa que poderia matar o deus Balder com sua astúcia, ele não apenas descobre como consegue convencer o deus Hod a atirar e matá-lo. Após o ato fatal, Loki se transveste em uma gigante com o nome de “Obrigado” na qual recusa-se a chorar pelo retorno de Balder de Hel. Loki nessa passagem, além de ter a mudança de gênero, utiliza de sua audácia em não fazer aquilo que todos estavam fazendo porque age de forma contrária intensificando a desordem e desestabilização dos deuses. Cabe ressaltar que sua





fluidez é motivada. Ele não se transforma sem motivações pertinentes, existe um objetivo central para ele nessa transformação.

Como modelo de interpretação, poder-se-ia tomar como ponto de partida a cristianização dos nórdicos, onde esse sistema foi gradualmente reconstruído com a crescente invasão do cristianismo. A feminilidade assumiu contornos mais definidos e, assim, distanciada da masculinidade. Portanto, masculinidade agora parecia menos ameaçada e a "suavidade" tornou-se mais aceitável nos homens. Alguém poderia tentar incorporar essa transformação em uma teoria da função de Loki na *Edda em Prosa*, poderia ser atribuída a influências cristãs. De acordo com este paradigma. Baldr é visto como uma prefiguração de Cristo e Loki como a personificação do demônio cristão. (Schnurbein, 2015, p. 104-124).

Sobretudo, Loki não age maliciosamente, em vista disso, está tentando ajudar a sociedade, reformando-a. Sua crítica à sociedade aqui é clara; que permaneceu estagnado por muito tempo e precisa continuar em seu ciclo. Além de mudar seu gênero, sua aparência, sua espécie e a ordem social. Provavelmente, seja uma tentativa de mudar os valores da sociedade. Como a mudança às vezes leva tempo, especialmente quando se trata de normas sociais inerentemente arraigadas na sociedade. (Wolf, 2015, 106-113).

Um outro recorte na *Edda Poética, Thrymskvida*: [20] encontramos Loki em sua crucial transmutação em serva para ajudar o deus Thor na sua empreitada em busca do seu martelo em Jotunheim e tomá-lo do gigante Thrym. “Irei contigo como criada, nós duas partiremos para Jotunheim.”

A capacidade de Loki e sua disposição desavergonhada de quebrar a fronteira do sexo binário parecem ter o propósito subjacente de comentar sobre ideais culturais fixos sobre o que é masculino e o que é feminino. Além de apenas devido ao intelecto astuto de Loki e ao disfarce feminino que a verdadeira identidade de Thor permaneceu em segredo por tempo suficiente para que eles pudessem recuperar o Mjollnir. Se Loki não tivesse mudado de sexo, Odin não teria seu cavalo e Thor poderia muito bem não ter recuperado seu martelo, dois elementos significativos na mitologia nórdica. Acentuando a relação nome de Loki associado à sua mãe Laufey é visto sua aproximação com o lado feminino. (Wolf, 2020, p. 106-113).

Na análise qualitativa, percebemos o teor de fluidez de gênero ou forma mais prevalentes na *Edda em Prosa* se comparada à *Edda Poética*. Determinando as influências de Loki aludindo principalmente as mudanças repentinas na sua sexualidade como: forma





e performances femininas sendo essas vistas principalmente na literatura de Snorri. Não sabemos se essas mudanças fluidas no seu gênero são enfocadas por Snorri como forma de profanar os mitos pré-cristãos, mas existe um teor mais evidente previamente na *Edda em Prosa* ao que tange alteração de gênero ou forma.

2.5. Figura associada ao Xamanismo

Uma outra ligação importante aos *Noaidi*, afirma Laidoner (2012, p. 59-82) pode ser sugerida no papel amplamente aceito e discutido sobre ele ser um herói cultural ou um trapaceiro. Ele estaria aproximado aos *noaidi* (território Sámi da Finlândia) conectado aos gigantes e considerado como um “estrangeiro” em detrimento de sua mutação em égua ao seduzir o cavalo do construtor, essa passagem estaria ligada a narrativa báltica de uma égua que pertencia a uma mulher xamã porque ela havia tido um cavalo de oito pernas aproximando as informações míticas.

As primeiras menções a Loki como uma figura xamânica são encontradas na *Edda Poética, Thrymskvida*: [5], [9] ao ser narrado o voo de Loki as cortes do gigante Geirrod, nesse trecho Loki desempenha um papel positivo ao ajudar o deus Thor encontrar seu martelo. A capacidade de voo a Jotunheim e logo depois seu retorno para Asgard comprovam a autonomia de sua ação ao ir e voltar de um mundo para o outro sem que isso seja interrompido por ninguém além dele mesmo. É notório afirmar que Loki desempenha essa função sendo um resoluto em corrigir problemas. Com isso, cabe interligá-lo ao xamã aéreo o qual possui características interessantemente parecidas nas suas viagens indo de um mundo para o outro contribuindo com a comunidade em se comunicar com outros mundos tendo como principal ação a resolução de alguma coisa.

Um outro trecho importante a respeito do voo fortemente conectado a figura de Loki encontra-se com maior teor na *Edda em Prosa* de Snorri Sturluson, *Skáldskarpamál*: [17-18] e [56-7] “Loki então adquiriu a forma de falcão e voou para o norte, onde estava a terra dos gigantes.” “E foi com ele Loki, pois ele havia saído uma vez para se divertir em forma de falcão de Frigg, voando para as cortes de Geirrod. “Loki tinha alguns sapatos com os quais podia correr pelo céu e pelo mar.” Nas passagens na prosa ficam notórias suas deliberações associadas ao voo e sua pretensão em está entre mundos totalmente antagônicos, pois os deuses e gigantes não possuíam essa autonomia de transitar entre um mundo e outro, mas Loki teria essa função. Os sapatos voadores também são outro elemento associado ao voo dando ainda mais respaldo sobre sua qualidade alada.





Por mais que Loki nunca monte Sleipnir pelo ar ou sobre a terra, seu próprio meio de viagem não é menos espetacular, ou seja, com as asas emprestadas ou na sua mutação em pássaro, voa para a terra dos gigantes em busca da deusa Idunna. Nesse ponto, é importante frisar as ações que ocorriam com as almas viajantes das figuras noaidi que podiam se transformar e voar pelo ar como pássaros uma habilidade que é enfatizada em vários relatos iniciais. Loki parece ser o destinatário mais proeminente dessa habilidade, embora os meios usados para ajudá-lo a voar diferem. (Laidoner, 2012, p. 59-82).

Skáldskarpamál [56:7]: “E cheio de terror, Loki disse que iria buscar Idunna na terra dos gigantes se Freyja emprestasse uma fantasia que possuía” “E um dia chegou ao gigante Thiassi. Ele estava no mar em um barco, mas Idunna estava em casa sozinha Loki voou até lá.” Nessa passagem, podemos perceber os traços de voo e mudança entre os mundos, pois, além de sequestrar a deusa Idunna da presença dos deuses, ele também transporta a deusa de um campo ao outro: Asgard para Jotunheim, indicando nesse quesito, não apenas a característica de voo associada ao xamã noaidi, mas a jornada entre os mundos ocorridas tanto em um local quanto no outro. Portanto, esses elementos reforçam suas características transitórias com os xamãs noaidis.

2.6. Gerador de Ordem e Caos

Em alusão a sua dualidade, trazemos as contribuições de Wolf (2020, p. 106-113) ao contemplar os aspectos de liminaridade ou de personalidade liminar "pessoa no limiar" são necessariamente ambíguos, pois, essa condição e essas pessoas se agregam ou escapam na rede de classificações que normalmente localizam estados e posições no espaço cultural. Entidades liminares não estão nem aqui nem lá; eles estão no meio e entre as posições atribuídas e organizadas por lei, costume, convenção e cerimonial.

Uma das passagens importantes sobre o caos encontram-se em sua maioria no *Lokasenna*: [28], [34], [39], [42], [48], [58] respectivamente, Loki relembra a todos no salão de Aegir que o deus Balder nunca mais andarás pelos corredores de Asgard ficando aprisionado no salão de Hel. Ele expõe as fraquezas de Bragi por ser levado pelas filhas de Hymir sendo considerado frágil por Loki (sabemos que um deus não poderia possuir características femininas sensíveis podendo está relacionada a fraqueza gerando vergonha e derrota).

Howard (2016, p. 2-12) afirma que o seu caráter deve ser considerado multifacetado para as interpretações unilaterais. Ressaltando que o mal como julgamento moral é uma ideia abstrata, Loki não é interessado, nem se preocupa com essas ideias. O foco central dele





em suas ações é em corrigir situações práticas (naturais e sociais), em vez de consequências boas ou más, ou seja, seus atos avaliados.

No *Gylfaginning* as passagens nas quais contém o teor correlacionado ao caos se encontram nas estrofes: [27], [34], [49-51]. Nessas passagens Loki está entre os Aesir, ou seja, pertencente ao convívio dos deuses, mesmo sem ser exatamente um Aesir expressando seu caráter de mediador entre deuses e gigantes. Cabe ressaltar nesse trecho, a sua conexão as desgraças de todos os deuses e homens, portanto, esse recorte trata diretamente da desordem e do caos gerados, ou seja, Loki apresenta um caráter negativo nas narrativas.

Schnurbein (2015, p. 104-124) acentua que seria preciso concluir que essas problemáticas representavam exigências sociais pertinentes o suficiente para merecer um posicionamento proeminente no contexto do fim do mundo. Evidências para apoiar esta tese podem ser encontradas em dois incidentes envolvendo Loki: primeiro, o visco, Loki por sua vez, faz da planta uma arma letal e a entrega a Hod, que sem saber, desfere o tiro na intenção de atirar no deus Balder, assim como em todos os outros deuses. Infelizmente, o tiro é planejado e mata Baldr. (Wolf, 2016, p. 106-113).

Nos critérios correspondentes ao caos, encontramos no *Skáldskarpamál* seções: [8-16], [17-18], [32-3], [34-5], [35-6], [37-9], [39-40], [56-7], as passagens consideram Loki como ocasionador do caos e desarmonia. Essas narrativas abrangem conteúdos ligados ao desaparecimento da deusa Idunna ensejando a velhice e enfraquecimento da virilidade dos deuses. Outro recorte está direcionado a sua maldade ao cortar o cabelo da deusa Sif e irritar o deus Thor, provavelmente sua tentativa de tomar algo considerado admirado, sedutor e viril diante do que os cabelos femininos simbolizam no cotidiano, ou seja, algo desejado. Loki também capta mais uma situação emblemática causando discórdia e impacto entre os Aesir porque em um determinado episódio ele não controla sua raiva e acaba causando discórdia tirando a vida de um servo chamado Fimafeng.

O caos também é ocasionado quando Loki arruína a forja dos anões impedindo a construção dos presentes ‘cruciais’ na aposta feita entre ele e Brokk aos deuses. Por fim, no episódio do anel de Andvari, Loki mata a lontra, filho de Hreidmar, chamado Otter, em uma de suas aventuras com Odin e Hoenir em busca de alimento, eles abrigam-se na casa de um conhecedor da magia chamado Hreidmar. Ele os acolhe e pretende fazer provisões (algo sobre o futuro) mas seus filhos chamados Fafnir e Regin ao verem a lontra morta, junto de um salmão avisam ao pai que Loki havia matado o irmão.





Outro evento importante sobre estabilidade entre os deuses é encontrado nas seções do *Gylfaginning*: [42], [42-3], a construção das paredes de Asgard tem a presença direta e atuante de Loki ao encontrar um construtor (gigante) e um cavalo (Svadilsfari) o qual tem papel primordial de trabalho incansável e produtivo.

Não deixamos de notar as ambivalências entre a ordem e o caos entre ambas as literaturas, porém no *Gylfaginning*: [27], [34], [49-51]; *Skáldskarpamál*: [8-16], [17-18], [32-3], [34-5], [35-6], [37-9], [39-40], [56-7]. Todavia, o ás está sempre associado as desgraças, infortúnios e lamentações entre os deuses, o sequestrador de Idunna, aquele que provocou o fracasso da forja dos anões, além de citá-lo como ocasionador da morte do deus Balder, intensificando o seu caráter pertinente ao caos pertencente à sua figura. Loki é descrito também, como um gigante, mas apenas mora com eles.

2.7 Amoralidade

Desse modo, outra característica extremamente contundente à figura de Loki estando relacionada com seu estado amoral, ou seja, Loki não se importa com o que os deuses ou os gigantes pensam sobre ele, levando a ser considerada sua capacidade de suportar e insultar qualquer um desses deuses sem que seja percebido algum tipo de teor moral de culpa, tristeza ou freio em meio as suas ações. Sua amoralidade pode ser definida em dois tipos: ações amorais com os outros e ações amorais consigo mesmo, não trazendo em nenhum momento, preocupações de culpabilização sobre o que é aceito ou não aceito em sociedade.

As primeiras aparições correspondentes aos traços de amoralidade estão contidas nas seções especialmente na *Edda Poética – Lokasenna*: [10], [17], [20], [26], [29], [30], [32], [36], [40], [47] e [52]. Em todo os trechos estão envolvidos diversos tipos de acusações e julgamentos proferidos dele para com os deuses e alguns ousadamente devolvidos pelos deuses a ele. Dentre as primeiras evitações de impulsos advindos dele encontramos Odin ao tentar evitar um conflito inicial entre ele e Vidar, com isso há uma consciência de Odin ao tentar conter as censuras de Loki que já estavam a ser planejadas por ele. No verso [3] do *Lokasenna*, Loki já deixa claro seu objetivo central com os Aesir ao dizer: “Brigas e conflitos eu trarei para os filhos de Aesir e assim misturarei seu hidromel com malícia”. Os desígnios de Loki eram bastantes transparentes, ele tinha como objetivo causar conflitos entre os deuses por meio de sua astúcia e capacidade de argumentação, deixando os deuses sem respostas ou defesas para suas argumentações.





Vale ressaltar que na sociedade nórdica antiga qualquer tipo de adultério praticado principalmente por mulheres era considerado pela lei um crime extremamente grave até mais que a fornicação. Mas só ocorria de forma insistente naquela época. O adultério era cometido por homens e por mulheres, mas as mulheres eram arduamente punidas e com maior severidade principalmente após a conversão. Entretanto, as uniões informais e a tolerância de múltiplas companhias sexuais por concubinação eram comuns naquela época. Essas práticas continuaram após a cristianização especialmente na Noruega causando problemas nos sucessores dinásticos. A sexualidade dos povos nórdicos era constituída de vários parceiros. (Langer, 2018, p. 632-637).

2.8. Persuasão

Persuadir está intimamente ligado com a convicção de fazer alguém acreditar naquilo que o próprio indivíduo acredita, ou seja, fazer com que alguém acredite ou aceite uma determinada opinião, ideia ou até mesmo gerar mudança do entendimento sobre uma circunstância. Essa característica concentra-se em algumas performances de Loki, pois, em vários recortes nas estórias, ele consegue exprimir esse traço ligeiramente próprio a ele porque essa característica está intimamente interligada e só é percebida na sua figura.

No *Thrymskvida*: [5], [11], [12], [27], [31] e [32]. Ao voar para Jotunheim Loki pergunta a Thrym pelo martelo de Thor, o grande deus dos trovões, afirmando sobre como os elfos e deuses estão em desespero. Loki cria uma forma de persuadir a resposta do gigante pelo meio do desespero. Com isso, retorna com respostas sobre o martelo para Asgard, legitimando seu intenso convencimento para com o gigante, e assim, consegue tramar a viagem de Thor a terra dos gigantes. Mas sua persuasão não acaba por aí. Loki convence Thor de ir transvestido porque assim, o gigante perderia as chances de ganhá-lo (devido ao disfarce) e ao chegar como uma serva juntamente aliada a Thor, ele mais uma vez, convence o gigante sobre os comportamentos glutões masculinizados da noiva de que são coisas que toda a noiva vivencia na ânsia da plenitude do matrimônio deixando o gigante extremamente convicto de que realmente a deusa Freyja iria casar com ele. “Tão ansiosa estava Freyja em chegar em Jotunheim que nada comeu por oito noites.”

No *Gylfaginning*: [27-34], [43-4, 44-5] e [49]. São prescrutados elementos na definição sua figura relacionada ao convencimento. “Loki é agradável e bonito na aparência, mal no caráter e muito caprichoso no comportamento.” Seu poder de convencimento chega até o gigante Utgard-Loki em uma viagem feita por Thor, Tjálfí e Loki a caminho de Útgard. O rei gigante os desafia: Loki é o primeiro a passar pela prova:





Ele faz uma aposta onde não haveria “ninguém no qual pudesse comer mais do que ele.” Convencendo o gigante a iniciar uma competição entre ele e Logi (chama). Sendo narrado na seção: “Loki sentou-se em uma trincheira e então comeu toda a carne e os ossos.” Nessa narrativa, Loki só perdeu devido ao feitiço feito pelo gigante Utgard-Loki caso não houvesse tido o feitiço, ele seria vencedor assim como Thor e Tjálfí. Nesse trecho, Loki apresenta comportamento e apetite glutão sendo características encontradas na comunidade guerreira, pois quem come muito é considerado forte e influente, além de existir elementos persuasivos na aposta porque ele admite ao gigante que ninguém pode vencê-lo, estimulando assim, uma aposta de convencimento para que assim a competição se inicie.

No *Skáldskarpamál* encontramos alguns elementos relacionados ao poder de convencimento e persuasão nas seções: [56-7], [34-5] e [35-6]. Suas capacidades de indução ocorrem quando ele após receber uma proposta do gigante Thjazi decide levar Idunna para uma determinada floresta e utilizar a sua qualidade de convencimento sobre “as maçãs soberanas”. Idunna de imediato, confia em Loki indo para a floresta sem temer as mínimas consequências que tal ato poderia trazer aos deuses, todavia, é importante afirmar a existência de um limiar de vaidade imbuído na deusa Idunna levando-a aceitar, pois, Loki utiliza do seu induzimento pelas maçãs para persuadi-la sobre a possível existência hipotética de maçãs melhores sem que realmente houvessem apenas por seu puro desdém, nesse recorte é visto Loki por sua forma negativa em prejudicar e minar o poder dos deuses.

2.9. Alimentação

Quando se fala em alimentação na Era viking encontramos algumas particularidades e formas diferentes de preparação dos alimentos a carne assada tinha no imaginário dos povos nórdicos um símbolo de poder e força, esse tipo de alimento era algo preferencial para alguns deles dentro do contexto onde esses povos residiam. Os povos nórdicos que moravam no campo possuíam uma predileção a comer as carnes cozidas em água ou cerveja, eliminando assim, a força a qual eles acreditavam existir na carne. Enquanto isso, os guerreiros apreciavam a carne assada em grelhas ou em espetos diretamente ao fogo, porque elas estariam mais conservadas em sabor e mais cruas, obtendo assim, um pouco de sangue delas ocasionando um teor prevalente de nutrientes para eles possibilitando o manutenção da força. (Campos, 2018, p. 30).





Essas maneiras diferentes eram baseadas de acordo com cada grupo social porque os camponeses, por exemplo, precisavam trabalhar muito tempo, então eles escolhiam preparar a própria comida optando pelo método do cozimento, permitindo que eles pudessem trabalhar enquanto a comida cozinhava, não havia a necessidade de alguém ficar vigiando a comida enquanto eles trabalhavam. (deixavam pedaços grandes e duros com legumes e verduras cozinhando na água por horas a fio em grossos pesados caldeirões de ferro, não havendo um cuidado cauteloso em seu preparo). Outro elemento importante era o caldo, pois, ele servia como acompanhamento ao pão, mesmo velho ou duro, amolecia permitindo que a refeição ficasse substancial e mais gustativa. (Campos, 2018, p. 31).

As carnes assadas possuíam uma predileção dos nobres, sendo preparada em grelhas ou espetos, exigindo mais cautela na hora do seu preparo. O fogo devia ser controlado porque poderia queimar a carne, um fogo mais brando deixaria a carne dura e com uma textura pouco apreciada. Entretanto, a carne assada não reflete apenas em um gosto propriamente dito de provar um alimento: ela indica que os grupos sociais com maior influência, além de possuírem acesso a carnes mais nobres, podiam contar com os serviços para prepará-la, preocupando-se apenas com a degustação. (Campos, 2018, p. 31).

Tendo como pressuposto a alimentação na Era Viking e os seus contextos sociais, indicaremos algumas aparições nas narrativas míticas sobre alimentação nas histórias contadas com a presença de Loki, encontramos na *Edda Poética*, *Thrymskvida*: [24] e [25], nessa narrativa é descrito Thor transvestido de noiva indo a terra dos gigantes em busca do seu martelo que estava sob a posse do gigante Thrym. Ao chegar para os festejos do “casamento” entre o gigante e “Freyja”, sendo Thor transvestido, encontramos grande rigor na alimentação excessiva de Thor nesses festejos, possivelmente teria relação com a raiva do gigante ou pelo simples objetivo de ficar mais forte ao alimentar-se com o foco de destruir o gigante e pegar seu martelo.

Um dos recortes mais elementares de Loki correspondentes a alimentação encontra-se no *Gylfaginning*: [43-4] e [44-5], iniciado em uma aventura Thor e Loki viajando com os bodes a casa de um camponês. Entretanto, ao chegarem lá, Thor abate suas cabras esfolando e colocando as cabras na panela (nesse caso percebemos que a refeição é um cozido mais utilizado na alimentação dos camponeses) Loki e Thor fazem a refeição juntamente com todos que residiam com o camponês, Tjálf e Roskva, quando terminassem de comer eles deveriam jogar os ossos sob a pele dos bodes que se





encontrava ao lado fogo, mas no fim, o filho do camponês percebeu que um dos ossos estava lesionado.

No *Skáldskarpamál*: [56-7] e [17-18] e [18] complementa ainda sobre alimentação descrevendo mais uma aventura de Loki com os deuses: Odin e Hoenir. Nesse relato, é visto a fome evidenciada entre eles porque parecem andarilhos pelas florestas em busca de alimento e caminham sem direção lembrando um comportamento de nômades. Eles encontram um vale e lá vislumbram bois, ao chegar lá, eles fazem um fogo e tentam assar um desses animais.

Loki também passa por um tipo de privação (punição) na alimentação no *Skáldskarpamál* [18] ao ir as cortes de Geirrod, Loki em forma de pássaro é perseguido por um dos servos de Geirrod e ao ser pego depois de muito trabalho é aprisionado e passa três meses sem comer (não se sabe até que ponto os deuses podem ficar sem se alimentar, mas Loki ficou três meses).

Os elementos qualitativos concernentes a alimentação na análise comparativa estão mais aguçados na *Edda em Prosa à Poética*. No *Gylfaginning*: [43-4] e [44-5] e *Skáldskarpamál*: [56-7] e [17-18] e [18]. A alimentação se envolve em diversos recortes, mas especialmente nas viagens entre Loki e Thor se alimentando de carne cozida na casa de camponeses, logo depois, eles saem em viagem e também comem carne assada na companhia de Odin e Hoenir e em outros momentos nas competições de Loki com Logi indicando a alimentação da carne assada como predileção dos deuses e gigantes.

2.10. Vingança

A vingança aparece nas mais variadas literaturas mitológicas e heroicas, assim como a honra, ambas concatenadas pelos processos de justiça. A *Volsunga saga*, como exemplo, exprime histórias contendo conteúdos importantes sobre esses elementos. Portanto, com a chegada da cristianização as sociedades não tinham uma unificação de normas ou leis, e por isso, a forma de organizar a sociedade era feita pelo modo da violência em cada indivíduo por um determinado grupo influente do povo. (Palamin, 2015, p. 42-46).

Na Escandinávia a vingança de sangue (*blood feud*) era um princípio de regra bastante utilizado quando as pessoas não conseguiam entrar em um acordo de paz, ocasionando pelo rei reconciliá-los através da luta pela espada, aquele que sair vivo é considerado o que está com a razão e esta é a decisão final do rei. A honra também é um elemento moral de extremo valor para o povo nórdico, pois, está envolvido com uma





cultura onde a coragem, lealdade e força estão intimamente conectados ao seu povo. A reputação é algo na imagem social nórdica extremamente relevante. (Palamin, 2015, p. 45).

No *Lokasenna* versos: [31], [39], [41], [43], [49], [57], [61] e [63]. Em destilações verbais de ofensas no salão de Aegir, Loki é da mesma maneira encurralado ao ser extremamente ameaçado pelos deuses. Braği ameaça-o dizendo que vai arrancar a cabeça dele. Frigg ameaça-o. Freyr relembra do que irá acontecer com ele no Ragnarok. O próprio servo com o nome de Byggeir diz que se pudesse o esmagaria e o mutilaria. Skadi lembra a Loki do seu castigo com as entranhas do seu filho (Nari) e que o seu humor irá desfalecer. E por fim, e a única coisa que o paralisa: o deus Thor. Ele encurrala Loki e promete vingança caso ele não parasse de agir de forma irresponsável no salão com todos os deuses.

Na *Edda em Prosa*, nas seções do *Gylfaginning*: [34], [42] [42-3], [49,51], encontramos nuances de Loki associadas a vingança principalmente do que vem dos deuses para com ele. Diante dessas vinganças, a primeira estaria associada a serpente, Jormungand, em que Odin joga-a no mar, a serpente envolve o mundo. Loki também coloca Hel no submundo para cuidar daqueles que ali estão alojados. Nessa narrativa, percebe-se que Odin como forma de punição, executando o banimento imediato dos seus filhos exprimindo uma possível vingança a ele ao perceber que os seus filhos poderiam ocasionar algum tipo de malignidade e caos aos deuses de Asgard.

No *Skáldskarpamál*: [34-5] [35-6] [37-9] e [39-40], encontramos a vingança nas narrativas de Loki quando é pego pelo gigante Geirrod e aprisionado. Thor ameaça Loki de quebrar seus ossos caso Sif não tenha seu cabelo intacto novamente. Os anões também pedem por vingança na aposta dos presentes aos deuses porque Loki havia perdido o desafio. Querem a cabeça dele a qualquer custo. Nesse caso, sua boca é costurada como forma de reparar a vingança pelo fato desta não ter tido bons resultados, ou seja, não saiu de forma planejada. Em todo o momento, Loki se esquiva das vinganças ocasionadas pelo próprio desafio proposto por ele, não aceitando e resistindo encarar suas próprias consequências.

Cabe lembrarmos sobre o elemento de vingança sobre a costura de sua boca pelos anões como punição elementar. Seria uma possibilidade de bloqueio do seu alter ego. Este, sopraria as brasas para estimular o fogo sendo considerado entre os deuses o mais ativo do público medieval. (Heide, 2011, p. 63-106).





No episódio do pagamento pela lontra, conhecido como a morte do filho de Hreidmar, é visto grande teor de vingança quando os anões fazem Odin, Loki e Hoenir de prisioneiros amarrando-os até que seja feita justiça pela morte do seu filho, Otter. Loki nessa narrativa é um facilitador da vingança porque foi mandado por Odin ao mundo dos elfos negros com o objetivo de conseguir livrá-los do castigo após trazer o ouro, a recompensa e logo depois, os filhos ficam com o ouro como vingança ao seu próprio pai devido a maldição do anel Andvaranaut.

2.11. Castigo

Um último elemento extremamente importante nas passagens de Loki nas *Eddas* corresponde aos castigos sofridos nas suas narrativas. Esses conteúdos de punição nos levam a entender que a figura de Loki trapaceia, faz piada, desafia, rouba, causa sentimentos de raiva, vingança, desordena os deuses, organiza depois e como consequência a todas essas ações advém as retaliações: elemento iminente e crucial nas suas empreitadas nas narrativas vislumbradas.

Na *Edda Poética, Volúspá*: [34] encontramos a primeira aparição de Loki e seu castigo. Loki encontra-se prostrado embaixo de uma árvore. Na *Edda em Prosa* as suas aparições repercutem nas seções: [42], [42-3] e [49-51], ao apresentarem sua fuga ao se transformar em salmão, cabe ressaltar que essa é uma maneira na tentativa crucial ao se esquivar do seu castigo, no entanto, é percebido diante de todas as punições ofertadas a Loki, essa é a única na qual ele não consegue escapar verdadeiramente após sua captura em detrimento da morte de Balder, ele mereceria uma morte maligna e sem piedade. Um pouco adiante, Loki teria sido capturado para uma caverna onde estaria sendo castigado.

No *Skáldskarpamál* em suas respectivas seções: [8-16], [17-18], [18], [34-5], [35-6], [37-9], [39-40] e [56-7]. Elencam recortes sobre como poderia ser o seu castigo. Uma das formas de ter seu nome como o “amarrado” devido ao castigo. Em outra aparição o gigante Geirrod trancou ele em um baú em que fica preso em torno de três meses na terra dos gigantes. Como castigo Loki teve seus lábios costurados e rasgou as bordas. Foi também utilizada a correia por Brokk para cortar a boca de Loki chamada Vartari, essa punição só pode ser concretizada porque Thor entrevistou e conteve Loki, além de ser relatado que a boca de Loki era difícil de ser furada e por isso usaram a correia e um furador para a resolução da punição.

Em outro momento, Thjazi ao descobrir que Idunna não está em casa descobre que Loki levou-a para Ásgard e a partir disso, ele voa e tenta capturar Idunna e obter a





vingança pela trapaça de Loki, mas ao chegar lá, os deuses não permitem a sua entrada fazendo uma fogueira e queimando as penas da águia, depois disso, mataram Thjazi assim que ele caiu ao chão.

Por conseguinte, notamos a presença tanto na *Edda em Prosa* como na *Edda Poética*, a respeito dos elementos relacionados ao castigo, portanto, em todos eles há alguma ação negativa que é seguida de vingança até o castigo, sendo o produto final das inferências. O castigo funciona assim como uma categoria social nórdica de penalização, requerendo justiça por um ato considerado inaceitável. Dentre esses fatores que causam falta de honra encontramos: a traição ao seu povo ou comunidade, trapaça (enganar a alguém), morte matar alguém que pertence ao seu convívio social sem que seja por justiça, roubar algo não pertencente ou destruir algo, entre outras coisas não aceitas pelos deuses, elfos e gigantes.

3. Conclusão

De modo geral, Loki também é visto como um ser com diversas características além das que estão imbrincadas ao trapaceiro cultural. Dentro das análises, foram percebidas suas funções como dominador central e social do diálogo entre os deuses, mestre da linguagem, controlador da ordem social como forma de perceber a realidade das coisas ‘a finitude não aceita pelos deuses em alusão a morte do deus Balder e seu planejamento astuto, ser sarcástico e astuto em suas argumentações nas aparições fortemente vislumbradas na sua querela com os deuses no Lokasenna, seu caráter cômico ao utilizar do humor para cessar a vingança da gigante Skadi, o caráter comportamental ligado à alimentação como força competitiva com os deuses e gigantes, trazendo à tona, seu caráter de duelo além de ligá-lo à comunidade guerreira, os seus traços ligados à sexualidade intimamente conectando Loki à uma figura fluida e criadora de seres sobrenaturais legitimando seu poder e influência como sujeito mitológico entre outras descobertas no método comparativo.

Nas tradições finlandesas como as do *Noaidi* do povo Sámi, ele estaria associado ao voo xamânico e conectado ao vento. Além das comparações relacionadas à sexualidade em que a forma singular em parir o Sleipnir enquanto está transformado em uma égua para seduzir o Svaldisfari, vinculado a um mito de um xamã que deu à luz a um cavalo em sua comunidade. Essas associações se remetem ao episódio de Thjázi e sua inaptidão ao acender o fogo e o sequestro da deusa Idunna, comprometendo a vitalidade e potencialidade dos deuses em Asgard, estando, portanto, com o controle de situações





emblemáticas e conflituosas. Loki não se mantém em um caráter totalmente ambivalente, pois, em algumas narrativas, ele compõe traços mais positivos enquanto em outras ele mantém padrões mais negativos.

Em outras associações, Loki estaria ligado a um ser intermediário, liminar, fluido, estando entre as bordas “não podendo segurá-lo, pois ele escorre em suas ações com os deuses e gigantes, não havendo um lado certo para manter-se”. Ele também muda de forma em sua transformação em uma égua e oscila entre o gênero feminino e masculino, sendo características potenciais do trickster, mas não apenas por isso. Sobretudo também, ele é responsável por possuir objetos valiosos e obter a centralização de sua astúcia e poder em cena no seu comportamento, possui também o poder da linguagem eloquente para persuadir, enganar ou obter alguma coisa do seu desejo. Loki detém o humor irreverente, mesmo quando sofre consequências consideradas punitivas, como no episódio de Skadi. Além de possuir centralização de notoriedade, tem potencial criativo de argumentação com os deuses, sendo vivenciado no conflito no Lokasenna, em que é reprimido apenas pelo deus Thor que parece ser o único que expressa a sugestão “freio social” ao qual Loki consegue perceber.

Portanto, sabemos que Loki ocasionou diversos problemas entre os deuses, entretanto, ele recuperou a ordem, os objetos valiosos, construiu ou possibilitou ideias de objetos e lugares, desempenhou diversas empreitadas e solucionou diversas situações preocupantes. Sua figura não precisa expressar ou sucintamente significar um único viés ou elemento simbólico de causa crucial. Percebemos nessa análise comparativa que a *Edda* de Snorri trouxe padrões mais negativos de sua figura, seja para diminuir suas influências míticas na sociedade que já estava cristianizada ou para ganhar mais adeptos cristãos. Não sabemos até que ponto Snorri utilizou do seu material literário para ensinar sobre os mitos antigos porque em muitas dessas comparações, esses traços perversos foram intensificados, seja em um tom de sua obra ser possivelmente conhecida em locais da Escandinávia ou para catequizar novas pessoas que estavam se adaptando ao novo estilo de vida religiosa da época.

Alguns dos resultados encontrados na análise dos dados em uma forma mais sucinta e compreensiva se baseiam em um Loki previamente trapaceiro na *Edda* em Prosa, enquanto, sua forma mais sarcástica encontra-se em sua maioria nas narrativas da *Edda* Poética, sua fluidez de gênero e, ou mudança de forma, encontram-se com maior teor na *Edda* em Prosa, sua ordem permanece equiparada em ambas as narrativas. Contudo, o caos é previamente relevante na *Edda* em Prosa, sua astúcia e amoralidade





são percebidas bem delimitadas na *Edda* Poética, enquanto os elementos de culpa, castigo e vingança estão em sua grande maioria na *Edda* em Prosa. A alimentação também se mostrou crucial entre as narrativas estudadas tendo destaque primordial as narrativas da *Edda* em Prosa.

Em síntese, Loki continuará a ser uma divindade cheia de imprecisões e exprimirá o enigma ao contexto dos povos pré-cristãos. Entretanto, ao vislumbrá-lo dentro da sociedade do século XIII, percebemos um caráter previamente negativo em seus aspectos estudados e apresentados, todavia, o *Ás* continuará possibilitando questionamentos e respostas as suas características essenciais enquanto ser pertencente a Mitologia Pré-Cristã antiga.

Justificamos como ponto de partida, esses achados objetivando o enfoque primário de Loki nas fontes primárias e fontes clássicas como temática primeva traduzida para novos estudos em Mitologia Nórdica no Brasil.

Referências

Fontes primárias:

LARRINGTON, Caroline. *The Poetic Edda* – Translated with an introduction and notes by Caroline Larrington. Oxford University Press: United Kingdom. 2014, p. 4-12, 80-92, 93-97.

FAULKES, Anthony. *Edda Snorri Sturluson*. translated and Edited by Anthony Faulkes. University of Birmingham. Library: Everyman. 1995, p. 1-164.

Bibliografia:

CAMPOS, Luciana de. Alimentação. In: LANGER, Johnni (org.). *Dicionário de História e Cultura da Era Viking* São Paulo: Editora. Hedra. 2018. p. 30-34.

CAMPOS, Luciana de. Aparências e costumes. In: LANGER, Johnni (org.). *Dicionário de História e Cultura da Era Viking* São Paulo: Editora. Hedra. 2018. p. 51-53.

HEIDE, Eldar. *Loki, the Vätte, and the Ash Lad: A Study Combining Old Scandinavian and Late Material*. Ed: Viking and Medieval Scandinavia, v.7, 2011, p. 63–106.

HYNES, William J. & DOTY, William G. *Mythical Trickster Figures contours, contexts and criticisms*. Tuscaloosa, University of Alabama press, 1933, p. 1-66.





HOWARD, Arianne Marie. *The Loki model: transcending the trickster*. Florida state university college of arts and sciences. ed: Proquest, 2016, p. 2-12.

LAIDONER, Triin. *The Flying Noaidi of the North: Sámi tradition reflected in the figure Loki Laufeyjarson in Old Norse Mythology*. Scripta Islandica, n. 63, 2012, p. 59-93.

LANGER, Johnni. Loki. In: LANGER, Johnni (org.). *Dicionário de Mitologia Nórdica: símbolos, mitos e ritos*. São Paulo: Hedra, 2015, p. 281-287.

LANGER, Johnni. Cultura e Religiosidade. In: LANGER, Johnni (org.). *Dicionário de História das religiões na Antiguidade e Medievo*. Rio de Janeiro: Vozes. 2020, p. 145-149.

LANGER, Johnni. Escandinávia. In: LANGER, Johnni (org.). *Dicionário de História e Cultura da Era Viking*. São Paulo: Hedra, 2018, p. 226-229.

LANGER, Johnni. Sexo e Sexualidade. In: LANGER, Johnni (org.). *Dicionário de História e Cultura da Era Viking*. São Paulo: Hedra, 2018, p. 631-638.

LANGER, Johnni. Seidr. In: LANGER, Johnni (org.). *Dicionário de Mitologia Nórdica: símbolos, mitos e ritos*. São Paulo: Hedra, 2015, p. 451-453.

MENINI, Bianconi Vitor. Sámi, Fínicos e Nórdicos In: LANGER, Johnni (org.). *Dicionário de História e Cultura da Era Viking*. São Paulo: Hedra, 2018, p. 621-625.

OLIVEIRA, Leandro. Vilar. *Dramatização no Lokasenna*. Revista mundo antigo. Ano IV, V. 4, N° 07, 2015, p. 103-120.

PALAMIN, Flávio. Guadagnucci. Representações de Honra e Vingança na mitologia nórdica. Revista Brasileira de História das Religiões. ANPUH, ano. VIII, n. 23. 2015 p.42-46.

PALAMIN, Flávio. Guadagnucci; *Loki como representação do caos e da ordem na mitologia Viking*. Congresso Nacional de História, Universidade Estadual do Maringá, 2015, p. 1-12.

RADIN, Paul. *The Trickster – A study in American Indian Mithology*. London: Routledge and Kegan Paul, 1956, p. 3-155.

SCHJØDT, Jens Peters; HERMANN; P. MITCHELL, S. *Religions of the North and the Need for Comparativism: Reflections on Why and with What We Can compare*. The





Milman Parry Collection of oral Literature. Cambridge: Brepols Publishers, University Aarhus. v.3, 2016, p. 64-185.

SCHJØDT, Jens Peters. *The Reintroduction of Comparative Studies as a Tool for Reconstructing Old Norse Religion*. Turnhout: Brepols, 2017, p. 51–64.

SCHNURBEIN, Stefanie v. *The Function of Loki in Snorri Sturluson*. History of Religions. By: The University of Chicago Press. v.40, No. 2. 2000. p. 109-124.

DE VRIES, Jan de. *The Problem of Loki*. Helsinki: Folklore Fellow Communications 110, 1933. p. 2-314.

WOLF, Allison. *The Liminality of Loki*. Scandinavian-canadian studies. v. 27, 2020, p. 106-113.

